

A RODA DE EXPOSTOS O ÓBVIO E O CONTRADITÓRIO DA INSTITUIÇÃO

Miriam Lifchitz Moreira Leite

Pesquisadora do Centro de Apoio à Pesquisa
em História, Departamento de História, Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da USP.

Um rápido levantamento entre pessoas que eram crianças de quatro a seis anos na década de 1830 foi o suficiente para revelar como a Roda estimulava a imaginação das crianças de famílias estruturadas. Era usada como ameaça, fonte de mistérios nunca revelados por inteiro, provocando nelas uma curiosidade temerosa que os adultos se recusavam, temiam ou não tinham condições de satisfazer. As crianças que moraram perto das Rodas de Salvador, de São Paulo e do Rio de Janeiro lembram-se de recomendações para que não passassem por perto delas, nem olhassem muito para quem estivesse nas proximidades. As empregadas domésticas se afligiam com as perguntas alvoroçadas, sentindo-se atingidas e ameaçadas por aquela curiosidade malsã. Os pais desviavam enfaticamente a conversa, em respeito aos tabus vigentes em questões de sexualidade. Por que *aqueles* bebês eram deixados na Roda? Não é simples, também, comunicar a idéia de abandono de filhos pelos pais, ainda que seja uma situação muito presente em contos infantis tradicionais (do pai que deixa os filhos perdidos na floresta, por não ter como lhes dar de comer). Entre si, as crianças trocavam suposições descontraídas sobre tudo isso. A própria rotação do mecanismo estimulava em sua imaginação o aparecimento de uma gigantesca máquina de moer carne. Com o pensamento metafórico incendiado, afirmavam para os irmãos menores que os bebês colocados no vão do muro eram moídos pelo movimento giratório. Os que comunicaram suas lembranças conservam viva uma sensação de estranheza e temor desencadeada pelo som da sineta no silêncio da noite e pelo ranger do mecanismo que abocanhava bebês na rua, para empurrá-los para detrás dos muros.

A Roda dos Expostos foi uma instituição que existiu e foi extinta na França, que existiu em Portugal e foi trazida para o Brasil no século XVIII. Os governantes a criavam com o objetivo de salvar a vida de recém-nascidos abandonados, para encaminhá-los depois para trabalhos produtivos e forçados. Foi uma das iniciativas sociais para orientar a população pobre no sentido de transformá-la em classe trabalhadora e afastá-la da perigosa camada envolvida na prostituição e na vadiagem.

Em todos os locais em que existiu, a Roda de Expostos foi sempre muito discutida. Acreditava-se que o anonimato dos pais do enjeitado propiciava a licenciosidade e a irresponsabilidade pelo fruto de seus prazeres. O abandono da criança acabava sendo considerado como resultante da existência da Roda, quando esta procurou, muitas vezes sem êxito, salvar a vida de recém-nascidos cujo abandono era feito nos adros das igrejas ou no beiral das portas, muito antes de as Rodas terem sido criadas.

O abandono, a alta mortalidade e a doação de crianças (na medida em que é possível avaliar comportamentos e sentimentos de outros tempos) não eram sempre vistos como um tráfico de exploração da infância, mesmo nos países desenvolvidos. Além de originados pelas dificuldades do aleitamento, pela alimentação artificial ou pelas más condições de saúde das amas, eram resultantes de fatores econômicos, sociais e até culturais, entre os quais se destacam aspectos da implantação da urbanização. A prática ilegal e quase aberta do abandono e o fatalismo com que era aceita a mortalidade infantil revelavam certa indiferença ao valor da criança até o início do século XIX, quando as escolas começaram a descobri-la e a classe médica passou a insistir na necessidade da criação dos filhos pela mães, pois cada criança achada (depois de abandonada) era uma criança perdida.

Evidentemente, no Brasil, a situação era agravada pela existência da escravidão, da exploração sexual das escravas e da exploração da criança escrava. As amas-de-leite a quem eram entregues os recém-nascidos eram quase sempre escravas ou negras livres que amamentavam os enjeitados com o leite recusado a seus filhos. Apesar das discussões sobre a imoralidade da Instituição e alta mortalidade dos internados, que se prolongaram até o século XX, a Instituição sobreviveu, com alterações internas e maior controle estatístico e sanitário de seu funcionamento até 1948, no caso de São Paulo.

Atualmente, estão sendo elaboradas duas teses sobre as Rodas de São Paulo e do Rio de Janeiro com pesquisas na documentação interna da Instituição. A documentação que apresento tem outro caráter: são os muitos olhares de estrangeiros, aguçados pelas diferenças e pelo estranhamento; olhares que se alteraram através de todo o século XIX.

A análise de viajantes estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro, fez-me recuperar imagens perdidas da Roda da Bahia, que povoaram a minha infância. Não um só, mas vários viajantes (MOREIRA LEITE, M.L., 1982) detiveram-se diante da Roda no Rio de Janeiro e a descreveram fisicamente, procurando compreender e esclarecer os seus objetivos. Não ficaram, porém, apenas na descrição.

Esta roda ocupa o lugar de uma janela dando face para a rua e gira num eixo vertical. É dividida em quatro partes por compartimentos triangulares, um dos quaes abre sempre para fora, convidando assim a que dela se aproxime toda mãe que tem tão pouco coração que é capaz de separar-se de seu filho recém-nascido. Tem apenas que depositar o exposto na caixa, e por uma volta da roda fazê-lo passar para dentro, e ir-se embora sem que ninguém a observe. (KIDDER e FLETCHER, 1851, p. 128)

Acrescentavam à descrição e a dados numéricos seus valores culturais diante do observado.

Os fundos do Hospital dos Expostos, que foi instituído em 1738 provém, atualmente, de Rendas, Caridade e Dividas a serem cobradas, nas proporções de 29, 48 e 27. Em seus registros, recebeu 8.509 crianças, das quais 98 morreram, 5 foram devolvidas a seus pais e, em 1818 havia, no estabelecimento 134. (LUCOCK, 1818, p. 374)

Diante da morte e do abandono das crianças, os viajantes revelaram atitudes muito diferentes. Robert Walsh e o Conde de Suzannet registraram a prática de abortos e infanticídios de escravos que desejavam livrar os filhos da escravidão. Os missionários protes-

tantes Kidder e Fletcher condenaram as mães que abandonavam os filhos na Roda. Para eles, a Roda era um estímulo à licenciosidade e à desumanidade. Já o diplomata norte-americano Andrews apresentou-a como uma instituição humana, que pretendia preservar a vida das crianças.

Jean Baptiste Debret, pintor oficial do Primeiro Reinado, fez uma apresentação visual do que chama de asilo para crianças abandonadas.

O público é também admitido a visitar, na mesma época, o pequeno asilo para as crianças abandonadas, situado na mesma praça em frente à igreja da Misericórdia. Esse pequeno edifício de um pavimento é de arquitetura regular. A torre acha-se no meio da fachada, num corpo um pouco afastado que se assemelha a uma porta falsa. Uma escada estreita, de cada lado do edifício, leva ao primeiro andar composto de três salas unicamente destinadas ao aleitamento das crianças. Ai se encontram três filas de berços guarnecidos de baldaquins brancos uniformes, enfeitados com filão, e cujas cortinas abertas e levantadas permitem que se vejam os recém-nascidos enfaixados com a elegância brasileira e expostos sobre a colcha. Quando muito pequenos ou gêmeos, são colocados à razão de dois por leite. A ama senta-se no chão, com as pernas cruzadas, ao lado do berço. A vestimenta dessas mulheres, sempre muito limpa, varia entretanto quanto à elegância e à riqueza, pois são em geral negras alugadas pela administração, que entrega os salários aos senhores. Por isso, pela elegância das negras se pode ajuizar da fortuna dos senhores a que pertencem.

Muitos orfãos, ao sair da adolescência são entregues a artifices reputados, aos quais pagam com sua atividade a alimentação e os cuidados recebidos. Mais ou menos no fim da oitava desta festa, um dia é reservado aos dotes anuais criados em favor das orfãs em idade de casar. (DEBRET, J.B., 1816, t.II (v. III), pp.45-49)

Nesta passagem estão reunidas duas instituições que talvez por volta de 1816 estivessem juntas — a Roda de Expostos e o Asilo de Órfãos — destinadas ao recolhimento de recém-nascidos, no primeiro caso e de desvalidos “de pé”, de 2 ou 3 anos e mais, no segundo. Ao apresentar as condições espaciais da instituição, Debret revela a aglomeração das crianças nos berços e a condição social das amas-de-leite — escravas alugadas para o aleitamento, que ficavam na instituição alimentando os internos, em prejuízo dos filhos que eram, por sua vez, abandonados. Mal conhecido, mas não menos tenebroso, é esse aspecto da escravidão — a alta mortalidade infantil da população negra provocada, entre outros fatores, pelo desvio do leite das escravas. Muitos dos expostos eram também filhos ilegítimos de escravas, que os pais não queriam ou não podiam sustentar e que, recolhidos na Roda, seriam vítimas de novas lutas contra a morte.

Em 1821, a escritora e desenhista inglesa Maria Graham, que foi governanta dos filhos de D. Pedro e da princesa D. Leopoldina, analisou a rede de relações sociais que se desdobrava nessa instituição fechada:

... A primeira vez que fui à Roda dos Expostos (parece impossível) achei sete crianças com duas amas; nem berços, nem vestuário. Pedi o mapa e vi que em treze anos tinham entrado perto de 12.000 e apenas tinham vingado 1.000, não sabendo a Misericórdia verdadeiramente onde eles se achavam. Agora, com a concessão da loteria, edificou-se uma casa própria para tal estabeleci-

mento, aonde há trinta e tantos berços, quase tantas amas quanto expostos e tudo em muito melhor administração.

... 29 de setembro. Fui ao Asilo de Órfãos, que é também hospital dos expostos. Os rapazes recebem instrução profissional em idade adequada. As moças recebem um dote de 200 mil réis que, apesar de pequeno, as ajuda a estabelecerem-se e é muitas vezes acrescido por outros fundos. A casa é extremamente limpa, como também o são as camas para as crianças expostas, das quais somente três estão agora sendo criadas por amas-de-leite dentro da casa. As demais estão colocadas fora, no campo. Até ultimamente têm morrido numa proporção apavorante em relação ao seu número. Dentro de pouco mais de nove anos foram recebidas 10.000 crianças; estas eram dadas a criar fora, e de muitas nunca mais houve notícia. Não talvez porque toda tenham morrido, mas porque a tentação de conservar uma mulata como escrava deve, ao que parece, garantir o cuidado com sua vida, mas as brancas nem ao menos têm esta possibilidade de salvação. Além disso, as pensões pagas para a alimentação de cada uma eram, a princípio, tão pequenas que as pessoas pobres que as recebiam, dificilmente podiam proporcionar-lhes meios de subsistência. Um melhoramento parcial já foi feito e ainda maiores ampliações deverão ser realizadas. Há grande falta de tratamento médico. Muitos dos expostos são colocados na Roda, cheios de doenças, com febre ou, mais freqüentemente, com uma espécie de comichão chamada *sarna*, que lhes é freqüentemente fatal. Por outro lado aparecem também crianças mortas, a fim de que sejam decentemente enterradas. (MOREIRA LEITE, M.L. 1984)

Nenhum outro viajante apresentou um quadro tão completo das condições sociais e higiênicas dos abandonados e de suas nutrizas. Maria Graham e também Kidder e Fletcher revelaram uma instituição em constante ampliação e submetida a inúmeras mudanças, conforme os recursos obtidos pelos órgãos mantenedores e a disponibilidade de escravas para o aleitamento adequado, dependente, entre outros fatores, das alterações por que passou o sistema escravocrata durante o século XIX.

O relatório do Ministro do Império para o ano de 1859 dá-nos a seguinte alarmante estatística, com os comentários do Ministro:

Em 1854, 588 crianças foram recebidas, somadas a 68, já no estabelecimento. Total 656: — Mortas 435; Restantes, 221.

Em 1853, o número de expostos recebidos foi de 630 e mortos 515. Foi portanto menor a mortalidade, no passado do que nos últimos anos. Todavia o número de mortos ainda é aterrador.

Até o presente não foi possível verificar as causas exatas dessa lamentável mortandade, que com mais ou menos intensidade sempre se verifica entre os expostos, não obstante os maiores esforços empregados para combater o mal.

Bem pode um dos médicos do estabelecimento, em cuja companhia um cavalheiro de minhas relações visitou vários departamentos da instrução exclamar: "*Messieurs, c'est une boucherie!*"

Qual seria a condição moral ou os sentimentos humanos dessas numerosas pessoas que deliberadamente contribuem para expor a vida das crianças? Uma circunstância peculiar ligada a esse estado de coisas é o facto alegado de que muitos dos expostos são productos das mulheres escravas, cujos senhores, não desejando os aborrecimentos e as despesas da manutenção das crianças ou desejando os serviços das mães, como amas-de-leite, exigem que as crianças sejam enviadas à *Enjeitaria* onde, se conseguem sobreviver, serão livres. Um grande edificio para a acomodação dos expostos está sendo construído no Largo da Lapa (KIDDER e FLETCHER, pp. 129 ss.)

Contudo, foi o diário do escritor norte-americano Thomas Ewbank (1846, p. 288) que me forneceu o desenho de uma mulher branca, depositando furtivamente um recém-nascido na Roda de Expostos. Um dos fundadores da *American Ethnological Society*, Ewbank deixou um riquíssimo diário, ilustrado com bicos de pena de sua lavra, revelando o cotidiano urbano do Rio de Janeiro de meados do século passado.



Tendo ouvido falar muito sobre a exposição diária de crianças, e as facilidades que se dão a fim de que os que queiram livrar-se delas possam fazê-lo discretamente, decidi-me ir observar o lugar de recepção. E isto, até há pouco, dava-se no Hospital, mas agora é numa rua quase deserta, para escândalo da Mãe Sagrada das Monjas, cujo nome leva. O engenho para receber as crianças consta de um cilindro oco e vertical, girando em torno de um eixo. Um terço dele é aberto para dar acesso ao interior, e o fundo é coberto com uma almofada. O aparelho é constituído de tal modo que é impossível aos de dentro verem os do lado de fora. Caminhei por toda a extensão da Rua Santa Teresa sem perceber nada, mas voltando, uma placa, de apenas algumas polegadas sobre uma porta fechada de um edificio normal, chamou a minha atenção. A inscrição era clara: EXPOSTOS DA MISERICORDIA N.º 30. Enquanto a lia, veio de dentro um rumor de confirmação. A única janela da fachada era próxima da porta e era, de fato, o receptáculo. O que eu tomara quando passei pela primeira vez, por um postigo verde, vi agora que era ligeiramente encurvado. Toquei-o; a sua abertura girou rapidamente. Hesitei por um momento, mas quando os moradores de uma casa do lado oposto abriram suas janelas para ver quem estava abandonando ali um enjeitado, à plena luz do dia, bati rapidamente em retirada.

O depoimento do diplomata Christofer Columbus Andrews é de 1887. Passaram-se 36 anos desde as condenações taxativas dos missionários e do escritor, revelando como estes viam a escravidão no momento

em que o tráfico estava sendo proibido. O diplomata, cuja carreira profissional também não o envolvia tão diretamente com a população, tanto quanto a dos divulgadores da palavra divina, fez o seu depoimento às vésperas da Abolição. Agora, entrara em cena uma nova presença feminina — a Irmã de Caridade estrangeira —, que passara a participar dos hospitais e asilos brasileiros, trazendo novos comportamentos no tratamento de doentes e órfãos. Contudo, se o tratamento se alterou em alguns pontos, as condições físicas dos internados não parecem ter melhorado.

Passando uma tarde com um amigo pela Rua Evaristo da Veiga, a rua da Igreja Anglicana e que está no sopé do Morro de Santo Antônio, paralelo à frente do Jardim Público, chegamos, à vista dos Arcos, ao Hospital de Enjeitados (Casa de Expostos), onde fomos recebidos por uma Irmã de Caridade. Anualmente cerca de 400 crianças de pais desconhecidos são entregues secretamente a essa instituição humana, conhecida popularmente como “a roda”. Desde a sua fundação recebeu 40.000 dessas crianças. Toma conta delas por 8 dias e depois as coloca como pensionistas de famílias particulares, por cerca de 5 dólares por mês, até um ano e meio, depois do que se pagam 2 dólares por mês. Cerca de 6.000 dólares são pagos pelo asilo pela pensão externa das crianças. Quando tem idade suficiente para freqüentar a escola voltam à instituição, onde recebem instrução até os 12 anos e então são enviados para aprender ofícios. Recebem um pequeno dote quando casam. Existem agora 40 crianças que recebem instrução. O edifício dá para a calçada e nada indica em sua fachada para que serve a não ser, talvez, o lugar onde as crianças são depositadas; e isto não chama a atenção do transeunte que não conhece o edifício, porque o vão na parede mal aparece. O que parece ser um vão estreito e ligeiramente oval na parede numa moldura de pedra, é a parte exterior da “roda”, uma espécie de mecanismo giratório com três lados abertos na parte interior. O lado externo fecha firmemente e é preciso um puxão firme para girá-lo e abrir as prateleiras para a rua. Quando se faz isso, um recém-nascido pode ser colocado numa das prateleiras; e quando a roda gira de novo, a criança é introduzida no interior do asilo, no que se poderia chamar de recepção e ao mesmo tempo soa um sino bem alto. Uma Irmã de Caridade ou uma criada imediatamente aparece e pega o recém-nascido; e a fim de preservar sua identidade para alguma finalidade futura, registra imediatamente a hora exata do recebimento, o sexo, condições físicas e a roupa. Às vezes, a mãe pregou na roupa o nome que queria lhe dar, e esse desejo é em geral obedecido. Ninguém sabe, nem se importa com quem deixou a criança. A própria construção da roda foi feita para manter o segredo.

Muitos dos recém-nascidos estão doentes quando chegam e 30 a 32% morre; menor porcentagem que nos anos anteriores. O número recebido anteriormente também era maior que agora, sendo de 500 a 600 por ano, mostrando que com o progresso houve uma redução de nascimentos ilegítimos, apesar do crescimento da cidade. Muitas das crianças são mulatas e as que vi, num dormitório de trinta e duas camas eram bem pequenas. Mal parecia haver uma criança saudável entre elas. O quarto em que estavam era tranqüilo, com duas janelas e, embora grande, a atmosfera era abafada. As camas eram berços de ferro arrumados com mosquiteiros em cada um. Escravas são empregadas invariavelmente como amas-de-leite, sendo a política do asilo não empregar para o

serviço mães de enjeitados. Um médico visita diariamente o asilo. Acontece, às vezes, que os pais desejam retirar os filhos e, em determinadas circunstâncias e fornecendo provas de identidade podem fazê-lo. Fui informado pela Superiora que delicadamente nos acompanhou durante a visita que existem agora 16 Irmãs de Caridade da Ordem de São Vicente de Paula que vivem aí e aí prestam serviços. (ANDREWS, C.C., 1887, pp.43-46)

A essa altura, a imagem infantil da tenebrosa instituição tinha-se ampliado e ganhado contrastes através das informações de visitantes que tinham refletido sobre ela, com os recursos de sua formação cultural e profissional e uma perspectiva basicamente burguesa.

Foi quando a historiadora Maria Lúcia Mott, pioneira em estudos sobre a criança escrava, me sugeriu a leitura de dois volumes dos *Annales de démographie historique*. O de 1978, sobre "A mortalidade do passado" e o de 1983 sobre "Mães e recém-nascidos". Alguns artigos desses ricos anuários referem-se à situação de crianças abandonadas na França, na Itália, na Bélgica e na Inglaterra, durante o século XIX. E, para grande surpresa minha, as condições sanitárias e sociais apresentadas não diferiam muito das apontadas por Roberto Machado e seus colaboradores (1978) no Brasil do século XIX. Não que tenhamos quantidades comparáveis de nascimentos e óbitos. Mas a alta mortalidade e o tratamento dos recém-nascidos anteriormente à divulgação das descobertas em microbiologia feitas por Pasteur e à vulgarização da puericultura não diferem tanto quanto seria de se supor da situação brasileira, a não ser, é claro, pelo agravamento através da escravidão.

Até mesmo as dificuldades metodológicas para conhecer a situação aparecem lá como aqui. Existem afirmações de que antes de 1850 os registros de óbitos e de nascimentos eram pouco confiáveis. A falta de clareza entre os dados sobre natimortos e semimortos e a rarefação de informações tornam falhas todas as contagens. E tanto aqui como lá, durante mais de três quartos do século XIX, as condições sanitárias faziam com que homens de 30 anos fossem velhos e estivessem alquebrados e decrépitos aos 40 ou 50. Além disso, como em muitos casos as crianças eram mandadas para aleitamento em outras cidades, a contagem dos mortos acabava sendo alterada. Assim, os autores europeus verificaram também a necessidade de ultrapassar os dados numéricos e tratar dos problemas demográficos em termos de comportamento.

Algumas condições gerais de salubridade davam origem à alta mortalidade que aqui é apontada na Roda de Expostos. De um lado, a mobilidade da população de baixa ou nenhuma renda para locais sujeitos a epidemias ou endemias, que quando se tratava de difteria, desintéria bacilar ou varíola afetava profundamente a população dos recém-nascidos até dois anos. Ligada a estas condições havia a qualidade da água de abastecimento da população, às vezes proveniente de poços rasos facilmente contamináveis e que se tornavam insalubres durante o verão. As águas paradas nas vielas, ao redor das casas eram aqui os focos de transmissores da febre amarela, que tantas vítimas fez em toda a população antes das medidas saneadoras de Oswaldo Cruz. Outra condição apontada nos estudos europeus dão conta também da má nutrição das nutrizes, provocada por alimentação defeituosa e carência de recursos. Forneciam um aleitamento insuficiente, num período em que os rebanhos de vacas e cabras ainda eram reduzidos e o leite animal precisava ser "cortado" com água impura e conservado em recipientes impróprios.

Não se deve também esquecer uma condição agravante, quase universal. Além de exaustas e subalimentadas, as amas-de-leite dominavam as práticas populares de cuidados com crianças, desconhecendo os princípios da puericultura que começaram a ser divulgados no século XIX e tinham a maior dificuldade para adotar os preceitos de assepsia no tratamento das crianças. As condições das amas-de-leite particulares, alugadas ou escravas próprias eram, naturalmente, diferentes. Dentro da escravaria doméstica tinham uma posição de destaque, eram muito bem alimentadas e bem vestidas e ganhavam uma ascendência comentada e lamentada sobre todos os habitantes da casa — senhores e escravos. A distinção entre as amas-de-leite não se fazia, portanto, apenas segundo o proprietário, mas também de acordo com a criança que receberia o leite — se era de família de posses ou um bastardo enjeitado.

A introdução da mamadeira, na segunda metade do século XIX, embora fosse um progresso importante na substituição do aleitamento materno, com as dificuldades de assepsia já citadas, transformou-se num elemento a mais a contribuir para a mortalidade infantil. Tanto quanto as enfermidades e o aleitamento de várias crianças pela mesma ama-de-leite, a mamadeira matou muitas crianças por disenteria.

A maioria dos textos dos viajantes que visitou a Roda de Expostos faz referência à limpeza do local e dos berços. Dada a aglomeração de crianças e o ar pesado e quente que apontaram nos quartos, é um pouco surpreendente a limpeza e elegância descrita pelos visitantes. Só compreendemos essa questão depois da leitura dos trechos de *Oliver Twist* de Charles Dickens, que apresento para encerrar este trabalho.

Acentuo agora a questão talvez mais abrangente da mortalidade dos recém-nascidos, apontada no Brasil pelos historiadores europeus. Trata-se da aglomeração no que foi a instituição antepassada das creches atuais. A aglomeração urbana sempre provocou surtos epidêmicos de maior ou menor gravidade. A aglomeração de recém-nascidos e crianças nas mesmas salas, freqüentemente sem o arejamento adequado, propiciava o agravamento de todas as demais condições de intensificação da mortalidade infantil.

Mas nem os relatos dos viajantes, nem os estudos demográficos europeus conseguiram exprimir outro aspecto da instituição: a exploração e a crueldade dos adultos, dos pequenos funcionários do Estado, com essa infância indefesa. Esse aspecto vem apresentado com grande ironia por Charles Dickens, o celebrado escritor inglês em seu romance de 1839, cujos primeiros capítulos se chamam:

I. Características do lugar onde Oliver Twist nasceu e das circunstâncias em que ocorreu o seu nascimento e



II. Características da criação, crescimento e educação de Oliver Twist.

Nasceu num asilo ao som das palavras de uma ama: "Quando ela tiver vivido tanto quanto eu, senhor, com treze filhos todos mortos, a exceção de dois, e estes no asilo, aqui comigo, então ela saberá melhor o que fazer."... "Trouxeram-na aqui a noite passada. Encontraram-na caída na rua. Devia ter vindo de longe, porque os seus sapatos estavam em tiras"... "A velha história", "sem anel de casamento"...

A triste situação em que estava, desprovido de leite materno, foi devidamente comunicada pelas autoridades do asilo às autoridades do município. Essas autoridades inquiriram, com arrogância, das autoridades do asilo se não havia uma mulher domiciliada na "casa", que estivesse em condições de prestar a Oliver Twist a consolação e o alimento de que ele carecia. As autoridades do asilo responderam com humildade que não havia. Após o que, as autoridades municipais resolveram magnânima e humanamente que Oliver Twist fosse internado numa "quinta" ou, por outras palavras, que fosse despachado para uma sucursal do asilo, a umas três milhas, onde outros vinte ou trinta transgressores juvenis das leis dos pobres rolavam pelo chão o dia inteiro sem o inconveniente de exigirem muito alimento ou muito vestuário, sob a superintendência maternal de uma mulher idosa, que recebia os delinqüentes pelo donativo de sete pence e meio por cabeça, semanalmente.

... no momento preciso em que uma criança havia conseguido sobreviver com a menor porção possível do mais fraco alimento, sucedia, perversamente, em oito casos e meio em dez que, ou ela adoecia de fome ou de frio, ou caía no fogo por negligência, ou ficava meio sufocada com um ataque.

... Além disso, o conselho fazia visitas periódicas, mandando sempre o bedel um dia antes, para avisar que ia. As crianças apresentavam-se bem arrumadas e limpas aos olhos, quando *elas iam*. Que mais poderia desejar o mundo?

BIBLIOGRAFIA

- ACHARD, Amédée. La nourrice sur place, in *Les Français peints par eux-mêmes*. Paris, Furne et Cie, 1853 (resenha dos *Annales de démographie historique*)
- BIDEAU, A., BRUNET, G. e DESBOS, R. Variations locales de la mortalité des enfants: L'exemple de la Chatelanie de Saint-Trevière-en-Dombes (1730-1869), in *Études sur la mortalité. La mortalité du passé*. Paris, Annales de démographie historique, 1978, pp.7-30.
- BLUNDEN, Katherine. *Le travail et la vertu (Formes au foyer: Une mystification de la Révolution Industrielle)*. Paris, Payot, 1982.
- DICKENS, Charles. *Oliver Twist (The Parish Boy's Progress)*. Trad. de Antonio Ruas. 2ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1938.
- DONZELOT, Jacques. *A Polícia das famílias*. Trad. M.T. da C. Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1980.

- DUMAZET, Ardouin. Au pays des nourrices, in *Voyage en France*. Paris, Berger Levrault, 1893 (resenha dos *Annales de démographie historique*)
- FAUVE-CHAMOUX, Antoinette. La femme devant l'allaitement (separata dos ADH, 1983), pp.7-22.
- FONSECA, Claudia. Valeur marchande: Amour maternel et survie; Aspects de la circulation des enfants dans un bidonville brésillien, in *Annales* 5, sept-oct. 1985, 991-1022.
- FUJITA, Sonoko. L'abandon d'enfants légitimes à Rennes à la fin du XVIII siècle, in *Annales de démographie historique*. 1983, pp.151-162.
- GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais* (Morfologia e história). Trad. de Federico Garotti. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GONÇALVES, Margareth de Almeida. Expostos, roda e mulheres: Um estudo sobre o abandono de crianças no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro, tese de doutorado da UFRJ, 1987.
- MACHADO, Roberto e outros. *Danação da Norma: A medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- MASSUY-STROOBANT, Godeliève. La surmortalité infantile des Flandres au cours de la deuxième moitié du XIX siècles: Mode d'alimentation ou mode de developpement?, in *Annales de démographie historique*. 1983, pp.231-256.
- MESGRAVIS, Laima. *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1884)*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1976.
- MONCORVO FILHO. *História da proteção à infância no Brasil (1500-1922)*. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica Editora, 1926.
- MOREIRA LEITE, Miriam L. e outros. *A mulher no Rio de Janeiro no século XIX (Índice de referências em livros de viajantes estrangeiros)*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1982.
- _____. *A condição feminina no Rio de Janeiro, sec. XIX*. São Paulo, Hucitec/INL/Pró-Memória, 1984.
- ROLLET, Catherine. L'allaitement artificiel des nourrissons avant Pasteur, in *Annales de démographie historique*, 1983, pp.81-91.
- RIBEIRO, Ana Maria Rodrigues. *A imagem e o silêncio — O lugar da mulher negra no século XIX*, São Paulo, Tese de doutorado da USP, 1988, p. 96.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. *Infância sem destino: O abandono de crianças no Rio de Janeiro, século XVIII*. São Paulo, Mestrado em História Social, USP, 1988.